

Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Ex-
tensão.
COGEAE
Curso de Especialização em Ensino de Geografia

GEOGRAFIA E CINEMA: ENSAIO SOBRE O USO DE RECORTES AUDIOVISUAIS EM SALA DE AULA. ¹

Cibele Uchôa de Lima²
cibeleuchoa@hotmail.com
Orientador: Mauro Luiz Peron³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar como o Audiovisual (Cinema e seus usos) tem uma importância significativa na construção dos conhecimentos geográficos em sala de aula no século XXI, visto que a Geografia tem possibilidades dinâmicas de sua estruturação. Como é exemplificado nas escolas geográficas que se apresentam de forma Tradicional, Crítica, Cultural.

ABSTRACT

This article aims to show how the Audiovisual (Cinema and its uses) has a significant importance in the construction of the geographical knowledge in the classroom in the XXI century, since Geography has dynamic possibilities of its structuring. As exemplified in the geographical schools that present themselves in a Traditional, Critical, Cultural.

¹ Trabalho efetuado para o título de Especialista em Ensino de Geografia - PUC-SP 2016

² Aluna do Curso de Pós Graduação em Ensino de Geografia - PUC-SP

³ Professor Doutor do Curso de Especialização em Ensino de Geografia - PUC-SP

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
1. Geografia e cinema, cinema e sala de aula.....	8
2. Experiências Metodológicas.....	12
3. Considerações finais.....	15
REFERÊNCIAS.....	17

INTRODUÇÃO

No Século XXI, as novas tecnologias afloradas e o volume de informações que um jovem recebe, mostram que não há tempo para tantas abstrações e trabalhos de campo que construam conceitos, que seriam necessários para o efetivo processo de apropriação cognitiva. No artigo de Marisa Costa *Quando o pós-moderno invade a escola...* ela critica o processo midiático, mas infere reflexões importantes de como construir essas ações pedagógicas;

(...) posicionando a cultura no centro dos acontecimentos e da vida nas sociedades do limiar do novo milênio, estabelece nova direção de fluxo na definição da identidade. O sujeito, antes concebido como uma agência centrada, estável e emanadora do sentido identitário, tem sua posição deslocada. A condição pós-moderna, acentuadamente marcada pela visibilidade, objetifica o sujeito em meio à transparente cena contemporânea. Crianças, jovens, mulheres, negros, idosos, docentes, surdos, etc., são exemplos de identidades recriadas e reinventadas de múltiplas formas pelas variadas narrativas que passam a circular de forma planetária, fazendo aparecer novos atores sociais. (...) (COSTA, 2004: 2).

E então, aproveitando-se da tecnologia e do processo de mídias que se tornam um recurso fundamental na vida da juventude desse século, podemos reconhecer que as analogias e processos comparativos podem significar uma série de outros recursos como experiências “palpáveis” na construção de um conceito.

(...) Ao trabalhar sobre uma tradição familiar à Geografia brasileira, Mendibil (2007) traça três períodos nos quais se desenvolveram diferentes usos da imagem na Geografia francesa, que podem ser remetidos às matrizes epistemológicas dominantes entre os geógrafos de cada um desses momentos. Por meio da análise que faz das imagens, o autor sugere que elas não atuam apenas como se fossem um reflexo das preferências disciplinares que marcam cada domínio do conhecimento, porém representam, em si, um dos meios mediante os quais as especificidades da Geografia foram engendradas e infundidas. (DAOUI; FELIPE, 2011: 80).

Segundo Milton Santos, a produção do espaço se divide em períodos onde as técnicas que são produzidas para a transformação do espaço geográfico são pautadas nas relações que o indivíduo tem com esse meio, diante das ferramentas e conhecimentos que são construídos na sua construção social. Sendo assim, passamos pelo meio natural onde o processo de produção desse espaço geográfico era deveras mais lento e suas ambições sociais pautadas em processos diferenciados

aos interesses que se erguia no período técnico, onde surge ferozmente com a Revolução Industrial no século XVIII, trazendo mudanças consideráveis inclusive no modo de pensar, relacionar, produzir o espaço. Embora o meio técnico traga sérias mudanças na relação do homem com o espaço geográfico, é no período técnico-científico-informacional, que surge após a Segunda Grande Guerra, que o homem se depara com a velocidade de interação dos meios e principalmente das informações, onde as técnicas usadas agora para produzir esse espaço geográfico são evidentemente globais.

Por conta desse período técnico-científico-informacional, o cinema se aproxima do meio como a maior expressão dos acontecimentos vivenciados pelo homem, representando, através de suas produções, todo o processo de transformação do espaço geográfico; filmes, documentários, séries, animações, contemplam a produção exercida nas técnicas da ciência e da informação.

Neste período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio técnico-científico-informacional*. Da mesma forma como participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies (animais e vegetais), a ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na própria base da produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir o seu substrato. (SANTOS; 2006: 238).

Desta forma percebemos que os avanços na produção da ciência e informação se refletem diretamente na produção de um novo espaço geográfico, atrelando a esse processo os recursos dessa produção cinematográfica, que perpassam em todos os sentidos da educação. Contudo, a velocidade de transmitir informações e até mesmo a ciência moderna se torna uma necessidade em sala de aula, na mesma intensidade desse período.

O cinema, que é reconhecido como a 7ª arte, constitui neste momento um recurso especial para estruturar e dimensionar todos os conceitos geográficos, aproximando de vez a Ciência e a Arte para esclarecimento e construção de uma proposta pedagógico-geográfica, embora a ideia mostre que a importância do cinema não

passa apenas na centralidade de sua estética e construção da realidade em imagens filmográficas; o cinema hoje como arte ultrapassa as barreiras, assim como os processos geográficos na construção de novos espaços sociais.

No que tange o cinema, as informações recebidas pelo indivíduo, através das escolhas mediadas pelo docente, são deveras mais importantes do que imaginamos: a partir da seleção feita pelo docente, e oferecida ao discente, constrói-se saberes e ideias da realidade por meio do conceito apresentado, trazendo ao indivíduo um olhar singular do tema e sua relação com o espaço social. Elucidado por Barbosa no livro organizado por Ana Fani:

Na outra ponta da interlocução desejada, encontramos D. Harvey (1993), que buscou no diálogo com a imagem cinematográfica – mais especificamente em *Blade Runner*, de R. Scott, e *Asas do Desejo*, de W. Wenders – um exercício de revelação da produção do espaço geográfico na pós-modernidade. Para ele, o cinema, entre todas as formas artísticas, “tem talvez a capacidade mais robusta de tratar de maneira instrutiva temas entrelaçados do espaço e tempo” (p.277). Apesar de reconhecer as possibilidades instrutivas do cinema, sobretudo na liberdade proporcionada pelo uso serial de imagens, que permite cortes no tempo e no espaço em qualquer direção, Harvey também assinala seus limites enquanto representação do espaço, pois se trata de um espetáculo projetado em uma tela sem profundidade. (CARLOS, 1999: 111).

O cinema e a forma de escolha para a incursão desse processo vão passear na estética, períodos e produções que se assemelham ou até representam os conceitos da Geografia. Lia Raquel Oliveira, Psicopedagoga em Portugal, revela em seu trabalho;

São amplamente reconhecidas as potencialidades do cinema de intenção educativa. O primeiro filme exibido em sala (“A saída dos operários da Fábrica Lumière”) foi, sem que disso estivessem conscientes os autores (os irmãos Lumière), um documentário... de intenção educativa. O filme *documentava o mundo!* E rapidamente alguns educadores se aperceberam do meio poderoso para ensinar que acabava de ser inventado. (OLIVEIRA, 2009: 5571).

Sem mensurar a Geografia, Lia também constata em seu trabalho, o poder transformador do cinema aos espaços geográficos, quando fala em construir realidades, visto que esta mesma realidade constrói o ser social;

O cinema constrói a realidade, *dá a ver* uma realidade que alguém construiu: o realizador! Apesar de sabermos que, contudo, cada espectador interpretará essa *proposta de realidade* individualmente e

de forma única. O cinema, *realizado na 1ª pessoa* — pelo estudante — permite a construção da realidade por essa pessoa. Construir a realidade — sempre uma construção social (Berger e Luckman, 1967) — significa conhecer e construir conhecimento. (OLIVEIRA, 2009: 5570).

É importante ressaltar que a construção de relação com o meio está subordinada à vivência desse meio. Vigotsky relacionou na sua proposta que o meio tem influência na construção cognitiva da criança. Ou seja: ele determina a capacidade da formação social da mente (1934, p.94), sendo assim, para o processo geográfico é fato que a ideia de construção de conhecimentos a partir do cinema vem trazer para o indivíduo a solidificação e apropriação de suas estruturas cognitivas em conceitos não ainda solidificados, construindo imagens novas ou remontando uma nova ideia de um lugar ou conceito.

Desta forma a postura do docente com o recurso audiovisual, passa a possuir um novo caráter, um caráter de responsabilidade nas suas escolhas visto que, elas não refletem somente a construção de uma ação pedagógica, e sim a construção da forma que o indivíduo atuará com o meio e os espaços sociais, que são construídos dessa relação, uma construção mais complexa da relação do indivíduo com seus saberes;

Para cumprir os objetivos do ensino de Geografia, sintetizados na ideia de desenvolvimento do raciocínio geográfico, é preciso que se selecionem e se organizem os conteúdos que sejam significativos e socialmente relevantes. A leitura do mundo do ponto de vista de sua espacialidade demanda a apropriação, pelos alunos, de um conjunto de instrumentos conceituais de interpretação e de questionamento da realidade socioespacial. (CAVALCANTI, 1998: 25).

Embora o cinema, como uma nova fonte de transformação do espaço geográfico, não seja um recurso comum no âmbito educacional, percebe-se que seus resultados são totalmente bem sucedidos na sala de aula, ressaltando que as imagens têm influência direta na construção cognitiva social, podendo não somente gerar novos espaços, como novas visões ideológicas. Lana Cavalcanti mensura os novos termos dessa nova era;

Anuncia-se, nesta virada do século, uma nova era. Termos como sociedade pós-industrial, sociedade pós-capitalista, sociedade pós-moderna, revolução informacional, 3ª revolução industrial, revolução tecnicocientífica, sociedade informática têm sido utilizados para denominar os fenômenos socioeconômicos, culturais e políticos que têm caracterizado a sociedade contemporânea (CAVALCANTI, 1998: 15).

Essas novas ações pedagógicas vão incluir a visão do cinema e da tecnologia, para refletir no processo cognitivo e de produção do espaço; das escolhas da difusão dessa arte na educação, o cinema agora passa a fazer parte desta construção de uma nova virada no século - novos recursos audiovisuais como Youtube, Facebook, celulares, onde as imagens se estabelecem em segundos no decorrer do nosso dia.

Com o processo de transformação do meio técnico-científico-informacional, os hábitos e a formação cognitiva dos jovens que nasceram nesse processo do espaço geográfico, contornam sensíveis mudanças de interpretação da realidade, pautados nas redes tecnológicas e seus meandros.

A ideia a subjaz nessas interpretações é a de que estamos vivenciando, hoje, um espaço fluído, não “localizável” mecanicamente, e um tempo irreversível, imprevisível e simultâneo. As práticas sociais realizam-se concomitantemente, no mesmo e tempo e em espaço diferentes ou num mesmo espaço onde há tempos diversos. Nesse sentido, a compreensão do mundo atual requer a percepção de uma nova “conexão” espaço-tempo, tornando-se uma só categoria de explicação da realidade. (CAVALCANTI; 1998: 17).

Embora, a sala de aula permaneça com o mesmo molde de apresentação, a pedagogia se encarregou de atribuir uma série de técnicas de aprendizagem para que todo o conjunto seja administrado de uma forma mais interessante, e talvez empírica. Vigotsky percebe o desenvolvimento dessa percepção desde as crianças menores:

Crianças mais velhas descrevem ações e indicam as relações complexas entre os diferentes objetos de uma figura. A partir dessas observações, Stern inferiu que o estágio em que as crianças percebem objetos isolados precede o estágio em que elas percebem ações e relações, além dos próprios objetos, ou seja, quando elas são capazes a figura como um todo, entretanto várias observações psicológicas sugerem que os processos perceptivos da criança são inicialmente fundidos e só mais tarde se tornam diferenciados (VIGOTSKY, 1974: 22).

1- Geografia e cinema, cinema e sala de aula.

A partir da definição de Thiago Sousa e Cláudio Ferraz, em seu artigo *Geografia e cinema: encontro de linguagens*; tem-se:

O cinema é, portanto uma elaboração sógnica que por meio de seus próprios elementos (plano, enquadramentos, montagens, edições, cortes, etc.) organiza as imagens como narrativas e imagéticas do real, não relatam assim aos fatos e acontecimentos do mundo por meio de representações, mas apresentando o próprio acontecer do mundo, de maneira a realizar-se enquanto imagem do real em meio ao imaginário do observador. (PIMENTA, FERRAZ; 2006: 98).

A Geografia como área de conhecimento, com suas categorias de análise: a paisagem, o lugar, o território, a região e o espaço geográfico têm como recurso o uso da imagem para abordar grande parte desse processo. Usa-se essa reflexão para poder mostrar a ideia pela qual se deseja inserir os recortes de mídias no processo dessa construção cognitiva. Francastel (1983:157) um dos mais importantes estudiosos da Cultura e da Arte, aponta o seguinte: "(...) deve ter-se sempre que o cinema estabelece a noção de espaço. E, sobretudo por isso, que ele se diferencia da literatura e da música, e que se integra, de forma clara, no campo das artes da expressão clássica" (CARLOS org., 1998: 110).

Pensando em toda mudança de postura em sala de aula, algumas técnicas mais criteriosas e complexas como um trabalho de campo são, de modo geral, onerosas e demoradas, para a visão contemporânea da necessidade capitalista imediatista.

Por meio do cinema conceitos geográficos importantes são construídos tão rapidamente, quanto os conceitos impostos no meio pós-industrial. Nesse movimento de contemporaneidade até as visões econômicas percebem o novo processo de produção do espaço, visto que na resenha de José Flavio Bertero, sobre o livro *O Advento da sociedade pós-industrial*, do sociólogo estadunidense Daniel Bell, afirma;

Entende que o conceito de sociedade pós-industrial adquire significado quando se comparam os seus atributos aos das sociedades industrial e pré-industrial (...). Esta sociedade pauta-se, pois, pela ascensão dos serviços, que se tornam hegemônicos e, inversamente, pelo declínio das atividades industriais (...). A perda de importância da indústria repercute sobre o operariado. Acarreta uma diminuição do trabalho operário e, em contrapartida, um incremento do trabalho dedicado aos serviços (p.146). Essa mudança afeta, evidentemente,

a estrutura social. Reflete na sua composição. Não só a produção e as ocupações são alteradas senão também as classes sociais. A esse respeito, Bell observa que “a classe de operários manuais e não qualificados está-se reduzindo (...) enquanto (...) a classe dos trabalhadores qualificados vai se tornando predominante” (BELL *apud* BERTERO; 1974: 1).

Ressaltando cuidadosamente as acepções políticas, culturais e sociais que, por meio da tecnologia, se estabelecem no aprendizado das crianças atualmente, Bertero, na resenha, ressalta a reflexão de Bell, “na medida em que o conhecimento e a tecnologia se transformaram no recurso central da sociedade, tornam-se inevitáveis certas decisões políticas” (BELL *apud* BERTERO; 1974: 2).

Embora saibam que a construção do conhecimento é parte do meio social em que a criança exerce sua construção cognitiva, como esclarece Vigotsky, vale perceber que as imagens são uma das maiores ferramentas para constituir estes conceitos definitivos.

O cinema está sendo empregado para determinar tudo que se refere ao processo audiovisual, mas lembrando de que estamos falando do cinema em toda sua estrutura estética e como arte, estreitando assim a distância da arte e da ciência em uma relação quase que empírica na construção de todo o processo geográfico e suas concepções de construção crítica.

Da mais premiada obra até as relações “*trash*” dessa arte, vamos não somente nos atentar a uma obra no seu todo, mas utilizaremos principalmente de recortes que possam contextualizar ou identificar os fenômenos e categorias de análise geográficas, exercendo desse modo uma construção de um novo olhar para esses eventos. Dermeval Saviani, na sua obra *Escola e democracia*, reflete sobre a prática do professor na sala de aula, de modo a demonstrar em que momento essa contribuição possa ser tendenciosa.

[...] penso não ser demais lembrar que o desenvolvimento, o detalhamento e a eventual retificação das ideias expostas passam pela sua confrontação com a prática pedagógica em curso na sociedade brasileira atual daí o interesse em que os professores as submetam a sua crítica impiedosa à luz da prática que desenvolvem. Com isso espero também contribuir para que os professores revejam sua própria ação pedagógica auxiliados e/ou provocados pelas minhas posições (SAVIANI; 2009: 71).

É um processo criterioso; o cinema é uma arte complexa que notoriamente expressa concepções políticas e sociais, e dentro desta observação, vamos entender que a importância de analisar com cuidado as fontes, e esclarecê-las, enriquece a construção cognitiva geográfica.

Parece simples esse processo onde se apresenta os fenômenos geográficos, através dos recursos do cinema e seus recortes, contudo o espaço geográfico é produzido nas experiências em que o indivíduo acumula e nas próprias interações que o meio estabelece com a produção desses indivíduos. As ações sociais reproduzidas através das técnicas desse período interferem na produção do espaço geográfico e nas suas categorias de análise, que estabelecem a síntese geográfica. No artigo apresentado sobre geografia e cinema por Pimenta e Ferraz, temos: “Essa maneira toda própria do cinema de, conforme a maneira de que o observador interage com o filme, instaurar a realidade imagética é que faz desse veículo um dos meios privilegiados para se narrar a experiência humana, permitindo assim a produção de uma memória individual/coletiva” (PIMENTA; FERRAZ, 2014: 99).

Santos, em, *Pensando Espaço do Homem*: (p. 37) “Em nossos dias, o conhecimento mercantilizou-se como tudo ou mais, e as ideias são *designed* antes de serem fabricadas; já não representam as coisas como elas existem; procuram criar uma nova existência pela fabricação dos objetos dotados de uma finalidade submetida à lei do mercado”. Desse modo a Geografia assume a responsabilidade de contextualizar esses espaços para minimizar as desigualdades impostas nesta visão ideológica de mercado.

Então, é evidente que a escolha de uma mídia ou recorte do cinema a ser apresentado para propor o embasamento teórico de um tema terá relação com as acepções do momento proposto. Por essa razão, neste artigo temos essa insistência de que as relações econômicas e as visões cinematográficas modernas influenciam de fato nas posturas dos conceitos geográficos e em suas análises em sala de aula, construindo uma nova relação ou a relação mais adequada para a interação do homem com os espaços sociais.

Ainda, segundo Milton Santos, “quando a economia se complica, uma dimensão espacial mais ampla se impõe, e o espaço do trabalho é cada vez menos

suficiente para responder às necessidades globais do indivíduo”, (SANTOS, 2012: 28) visto que nessa medida de um espaço de trabalho cada vez menos suficiente nas relações globais, as medidas na sala de aula tentam, a todo o momento, abranger um tudo, para que as decisões sociais e críticas desse cidadão sejam cada vez mais coerentes com o estabelecido nesse processo pós-industrial, como refletiu Daniel Bell em seu trabalho *O advento da sociedade pós-industrial*.

Parece uma relação confusa relacionar essa nova era moderna com a técnica de produção do espaço geográfico e o cinema, mas atrelá-la também à visão da geoeconomia tão bem descrita por Milton Santos em seu livro *Pensando o homem no espaço* e Daniel Bell em sua obra já citada.

Haja vista que o cinema é na atual realidade um influenciador, ressalte-se que a dependência da mediação do docente pode ser exercida até mesmo na forma pela qual o indivíduo se relaciona com o espaço geográfico, tendo em vista sua postura sobre as imagens que lhe são apresentadas, “a arte cinematográfica é a arte da modernidade capitalista (BENJAMIN *apud* PIMENTA, FERRAZ, 1993: 100). Ela possui o caráter industrial de produção, pois requer uma divisão de trabalho e de especialista que se envolvem na elaboração da obra (...)” (PIMENTA E FERRAZ, 2014: 100), alterando assim processos e construindo novos espaços pautados no tipo de incursão filmatográfica e vivência social no mundo técnico-científico-informacional.

No livro organizado por Ana Fani, em 1999, temos: “Tratando-se especificamente de imagem cinematográfica nas atividades de ensino, é importante afirmar que sua relevância didática não é maior nem menor em relação a outros recursos visuais (...)” (CARLOS *org*; 1998: 111). Podemos perceber que a relação do cinema naquele momento não havia ganhado as características, que são atribuídas neste artigo.

Ainda, Jorge Luiz Barbosa, em artigo mais recente, já reconhece essa arte cinematográfica, “Nesse sentido, podemos inferir que a Arte possui uma importante dimensão histórica de leitura do espaço socialmente produzido e se traduz como um instrumento de percepção e reconhecimento da realidade” (BARBOSA; 1999: 69).

A arte do cinema, então, passa a se relacionar com a ciência e a educação de uma forma empírica, e dessa forma esses recortes cinematográficos contribuem para o processo de transformação da relação do discente com o espaço geográfico.

2- Experiências Metodológicas

Em todo o processo pedagógico deve existir um objetivo deste processo de inclusão do cinema, a partir dos seus recortes, a experiência prática de que como utilizá-lo em sala de aula somente enriqueceu toda a ideia de como essa arte pode influenciar na visão estética do espaço geográfico do discente, a fim de que esse relacionamento possa inferir nas contextualizações de um modo de vida e, também, no objeto de uma construção de uma nova realidade do espaço geográfico e de um pensamento crítico.

Sobre o olhar ético do docente, as mediações de escolhas desses recortes podem elucidar formações de estruturas geológicas, por exemplo. Dependendo do contexto vivenciado pelo aluno, o mesmo não poderia conhecê-la. Teremos que a partir da inserção desses objetos, a forma pela qual o discente passa a relacionar-se com o espaço apresenta um novo olhar.

Em 2015 em aulas com o Ensino Médio na escola COB de Diadema, o plano pedagógico da escola mensurava o processo geopolítico mundial. Nas ações pedagógicas que incorriam no trimestre havia como sugestão apresentação de seminário pelos alunos, sobre o tema. Como docentes, sabemos da dificuldade recorrente de inserir aos discentes temas geopolíticos mundiais, principalmente pela ausência da construção de um espaço geográfico/cartográfico solidificado nas relações diárias do aluno: é importante ressaltar que, nesse momento da vida dos jovens, o *local* é muito mais recorrente, e que essas construções geográficas de um mundo mais *global* começam a acontecer de fato, para a maioria dos alunos, no ensino Médio.

A sugestão da atividade que envolveria o cinema foi recebida com muito entusiasmo. Sugeri um texto do capítulo quatro do livro *A Nova Des-ordem Mundial* de Rogério Heasbert e Porto-Gonçalves, onde seguimos com a ideia de pequenos recortes de cinema por parágrafo. Todavia, esses recortes seriam garimpados pelos discentes, ou seja, o discente lê o parágrafo do texto e dentro de suas acepções

construídas no todo do Ensino Médio realiza a busca na arte do cinema, de seu conhecimento, de recortes que podem representar o mencionado no texto.

A mediação das apresentações, que implicavam nos recortes das mídias trazidas com um texto que explicasse a ideia do porque desta escolha, foi surpreendente. Segue exemplo de uma das atividades realizada pelo aluno do Terceiro Médio, e a obra em como entenderam suas representações;

Para além das empresas transnacionais na sua ligação com os setores produtivo e especulativo da economia, é muito importante reconhecer que até mesmo algumas funções tidas como essencialmente “estatais”, como a do “monopólio da violência legítima”, passam a ser exercidas por entidades privadas. A terceirização da segurança pública e de conflitos armados, por exemplo, com a contratação de milícias e seguranças privados, é hoje uma realidade cada vez mais comum. O desmantelamento de parte do aparato bélico-militar das grandes potências com o fim da Guerra Fria levou muitos militares desempregados a fornecerem empresas de segurança paramilitar. A contratação dessas empresas pelo Estado permite seu aparente descompromisso com muitas ações bélicas e, sobretudo, facilita o ocultamento dos verdadeiros custos das operações militares (HEASBEART, PORTO-GONÇALVES; 2006: 54).

Na cinematografia americana, existe a produção de obras divulgadas em séries. O trecho em questão foi representado pelo discente com o episódio de uma série com o título de “*GRIMM*”, baseada em uma lenda irlandesa, em cinco temporadas.

O aluno recortou o episódio onze da terceira temporada, onde o seu conteúdo deflagrava a ideia de um paramilitar contratado pelo EUA para trabalhar como terceirizado na guerra do Golfo, o que implica que suas ações ilícitas realizadas não são respondidas pelo Estado e sim pela empresa privada.

O trecho representa o aparelhamento do Estado com as milícias e a terceirização do serviço de segurança nacional. A série *Grimm* retrata episódios policiais com ficção de um mundo paralelo, de seres que se transformam e vivem em harmonia, ou não, com o ser humano.

Essa atividade foi realizada também na EE Adonias Filho, também em Diadema, para o Segundo Médio, em geografia física, sobre a representação geomorfológica do planeta, placas tectônicas, estruturas de relevos, movimentos endógenos e exógenos e vulcões. Segue o texto apresentado para a busca do recorte que considerasse o processo exposto em sala de aula;

O termo “ígneo” vem do latim *ignis*, que significa fogo. Na superfície da Terra, podemos observar a formação de rochas ígneas quando a lava, expelida pelos vulcões, escorre como um líquido incandescente viscoso, e se consolida ao resfriar. (...) Os vulcões são a ponta de condutos que, como gigantescas seringas, trazem o magma das profundidades da Terra. (...) (DECIFRANDO A TERRA, p.152).

Da apresentação e entrega do texto que deveria conter o porquê da escolha do recorte, o aluno Vinicius nos apresenta uma obra animada de 2003, episódio 40, de *X-man Evolution*, uma série animada em desenho, dos mutantes heróis da *Marvel*, a partir dos 00h13min, onde um vulcão entra em erupção.

Esse momento de busca pelo discente de um recorte do cinema, para representar o conceito em sala de aula, solidifica para ele as informações desse conhecimento e o coloca em outra esfera de interação com o espaço geográfico e a obra cinematográfica que ele conhece. É um processo de busca, onde as observações sobre as filmografias escolhidas começam a possuir outra relação; em busca de encontrar nos filmes (de longa-metragem – incluindo a animação - na série etc.) o objeto de estudo, o discente passa a interagir com as obras com um olhar específico ou - agora podemos até dizer - com uma intenção/interação.

No entanto, esse processo não foi somente mediado pelo docente, em relação às escolhas dos alunos, pelas obras que melhor representam o conceito vivenciado em aula.

Dos conflitos sobre o Oriente Médio, foi escolha do docente um filme Israelense (*As Tartarugas podem Voar*), onde pequenos recortes foram apresentados para inseri-los na realidade vivida por jovens, na guerra do Iraque em 2003. Há trabalho sensacional dessa obra, nas sequências dos campos de refugiados da guerra, e a relação dos filhos dessa guerra, idade média dos alunos, com armas, guerra e a religião; um filme com desfecho triste. A obra não foi apresentada na íntegra, e sim seus recortes, que descrevem conceitos desse conflito.

Contudo, a divulgação desses recortes do cinema traz curiosidades aos discentes que acabam, através do cinema, buscando mais informações sobre o processo apresentado, aproximando assim a arte e a educação, numa forma mais concreta e solidificada de interpretação dos processos, no contexto de sua espacialidade, mudando as escalas e criando uma estética sobre esse espaço e as técnicas que o transformam. Decorrente desse trabalho verifica-se que o abstrato no imaginá-

rio passa a concretizar-se, podendo agora criar relações sobre fenômenos e eventos, que a geografia estuda.

3- Considerações finais.

Concomitantemente com a expressão de que a arte do cinema é de suma importância para o desenvolvimento e transformações do espaço geográfico, não podemos deixar de abordar que em sala de aula, com as limitações da escola, poucas mudanças são realizadas. As salas de aula ainda são fronteiras que restringem o aluno de expandir seus olhares. "Trata-se, de fato, de um campo pedagógico fronteiriço, que bem poderia ser aproveitado como terreno fértil para a inovação prática e teórica." (PIERRO, JOIA: 2001: 58).

A Geografia como disciplina se aprimora com força maior após o fim da ditadura militar no Brasil, 1986, e assume responsabilidades na formação do cidadão crítico, como podemos encontrar nos PCN's. Lana Cavalcanti esclarece:

O desenvolvimento do pensamento conceitual, que permite uma mudança na relação do sujeito com o mundo, generalizando suas experiências, é papel da escola e das aulas de Geografia. Tal entendimento levou a que referências curriculares nacionais, como os PCNs (1998), diretrizes curriculares estaduais e municipais e livros didáticos (PNLD, 2010), estruturassem seus conteúdos geográficos com base em conceitos elementares (...). Tais conceitos expressam experiências vividas por todas as pessoas no cotidiano, no desenvolvimento de espacialidades, e assim eles devem ser considerados, desde os primeiros anos. Lança-se mão dos conceitos em formação, dos conceitos cotidianos, ou noções, ou pseudo-conceitos (na visão vigotskiana) para problematizar, para estabelecer contradições e assim ampliar a compreensão do mundo (CAVALCANTI; 2010: 8).

Nesse quadro em que o cinema se configura como atrativo, dinâmico, cultural, imaginário, e principalmente artístico, como representação da realidade, temos no cinema um dos meios mais perspicazes de atingir o discente e fazê-lo apropriar-se da história apresentada na tela, transpondo, através da ficção, conceitos existentes, na vivência escolar. Logo, o Cinema se apresenta como aliado. Nesse momento a arte se funde com a educação, como se as fronteiras do mundo não pertencessem mais à sala de aula; todos os conceitos geográficos, sem exceção, podem ser representados por um momento cinematográfico como um recorte de audiovisual que retrata e reproduz além do imaginário, "com esses meios, espaço e tempo veem-se rearranjados." (TOMAZ; 2011: 13).

Santos, quando fala sobre a globalização, já mostra indiretamente o poder das imagens e tecnologia do audiovisual: “O tempo real também autoriza usar o mesmo momento a partir de múltiplos lugares; e todos os lugares a partir de um só deles. E, em ambos os casos, de forma concatenada e eficaz.” (SANTOS; 2011: 28). Milton Santos não faz referência de fato ao cinema, mas sim ao processo da historicidade do meio; reflete quando do meio técnico seria impossível a convergência desses momentos serem instantâneos e de técnicas unificadas na produção do espaço, responsabilizando as empresas de informação por esse avanço. Sem dúvidas, a tecnologia e a informação são responsáveis por essa visão, e a forma que possam chegar ao outro; podemos nos referir também à importância da arte de representar essas realidades do mundo: “com essa grande mudança na história, tornamo-nos capazes, seja onde for de ter conhecimento do que é o acontecer do outro” (SANTOS; 2011: 28).

A fim de mostrar direta ou indiretamente a representação do mundo, tem-se a necessidade do uso do recurso audiovisual; tratando-se de recursos o cinema cumpre melhor este papel; e seus recortes exigem a mediação de um docente, que transformará o imaginário na perplexidade do meio material e na complexidade da realidade vivida pelo discente.

Longe de querer relatar uma nova forma de administrar conceitos e saberes, essa leitura é apenas uma ideia de inserir a arte no contexto geográfico de forma atrativa e inovadora. Os recursos audiovisuais, neste artigo, trouxeram referências ao cinema que, por trás das imagens refletidas, traz centenas de olhares profissionais e sociais que retratam os espaços geográficos, ditando momentos antigos e novos, e influenciando com suas obras esse novo mundo que Milton Santos caracterizou como meio técnico-científico-informacional.

Há muito ainda a ser pesquisado, principalmente referente à importância transformadora do espaço geográfico pelas obras cinematográficas que viajam o mundo. A tecnologia do século XXI que transborda a velocidade de transmissão das imagens, a configuração globalizada e/ou significância que ganha em diversos lugares, sendo então a partir da absorção destas imagens, o estopim da modificação do espaço social.

Logo, é inegável a aproximação da arte do cinema com a educação; não há mais como fugir e demonizar o uso dessa fonte nesse ambiente. No entanto, mesmo

com os alertas da UNESCO sobre o uso desses artifícios midiáticos, fica neste artigo registrado que o manuseio dessas práticas apresentadas no âmbito educacional só pode ser efetuado sob a luz da ética e moral: “Para Kant a ética é a filosofia prática dos costumes e a moral é a reflexão sobre a liberdade (autonomia e submissão à lei moral)” (KANT *apud* ANDRADE; 2006: 46), respeitando o contexto político e social do ambiente.

REFERÊNCIAS

A GEOGRAFIA E A REALIDADE ESCOLAR CONTEMPORÂNEA: avanços, caminhos, alternativas, 2010. Belo Horizonte. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – perspectivas atuais. Belo Horizonte: I Seminário Nacional do Currículo em Movimento, 2010.

ACTA CIENTÍFICA (ENGENHEIRO COELHO). CIÊNCIAS HUMANAS. São Paulo: Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2002. Semestral. ISSN 1519-9800 Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/arquivos/45000/45900/11_45949.htm>. Acesso em: 24/02/2017.

BARBOSA, Jorge Luiz. Artigo: **A arte de representar como reconhecimento do mundo:** o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social, Niterói: UFF, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1999.

ANDRADE, Jaqueline Alencar. **Ética docente:** Estudo sobre o juízo moral dos professores. Porto Alegre: UFGS, 2006.

BERTERO, José Flávio. Obra resenhada: Bell, D. **O Advento da Sociedade Pós-Industrial.** São Paulo. Cultrix. 1974.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). BARBOSA. Jorge Luiz. **A Geografia na sala de aula.** Geografia e cinema, São Paulo: Contexto, 1999.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, a escola e construção de conhecimentos.** Cap. 1 Ciência geográfica e ensino de geografia, 1ª Ed, Papirus, Campinas, 1998.

COSTA, M. V. **Quando o pós-moderno invade a escola:** um estudo sobre novos artefatos, identidades e práticas culturais. Canoas: Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2004. (Projeto Integrado de Pesquisa).

_____. **QUEM SÃO? QUE QUEREM? QUE FAZER COM ELES?** Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI, Texto elaborado a partir dos primeiros achados do projeto de pesquisa intitulado *Quando o pós-moderno invade a escola*, com o apoio do CNPq. 1 - 9, um estudo sobre novos artefatos, identidades e práticas culturais, iniciado em março de 2004.

DAOU, A. M.; FELIPE, R. G. **De Perto e de Longe**: Pistas para uma Reflexão sobre Imagem e Geografia; Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V. 1, N.2, 2011.

HAEBART, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **A nova des-ordem mundial**: a des-ordem política mundial: os novos espaços do poder, São Paulo, Ed. Unesp, 2006.

PIERRO, Maria Clara di; JOIA, Orlando. **VISÕES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, 2001.

OLIVEIRA, Lia Raquel. **Cinema educativo e construção social da realidade**: criando identidades através da leitura e da escrita do mundo com o audiovisual. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009.

PIMENTA, Thiago Albano de Sousa; FERRAZ, Claudio Benito O. **Geografia e cinema**: encontro entre linguagens – imagem e palavra, Entre-Lugar, Dourados, MS, ano 5, n.9, 1, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal, 21ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **Pensando o espaço do homem**, Alienação do espaço do homem, 5ª edição 3ª reimpr, Edusp, São Paulo, 2012.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção, 4ª Ed., 2ª reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: Teoria da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política, Cap. 5 Conclusão: a contribuição do professor. Ed 41ª, Autores Associados, Campinas, 2009.

TEIXEIRA, W. [et. al]. **Decifrando a Terra**: Magma e seus produtos, Cia Editora Nacional, 2ª Ed., São Paulo, 2009.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, Cap. 2: O desenvolvimento da percepção e da atenção, 7ª ed., Martins Fontes, São Paulo, 2007.

OBRAS CINEMATOGRAFICAS CITADAS NO ARTIGO

BARBA, Norberto; KOUF, Jim; GREENWALT, David; HAYES Sean; MILLINER, Todd; **GRIMM** [Filme-vídeo]. Produção de BARBA, Norberto; KOUF, Jim; GREENWALT, David; HAYES Sean; MILLINER, Todd, Direção de MATHIS, Clark; Estados Unidos, NBC, 2011, Televisão, 3ª Temporada Episódio 11.

GHOBADI, Bahman; GHOBADI, Hamid Karim Batin; GHAVAMI, Hamid; AMINI, Babak **LAKPOSTHHA parvaz mikonand** (no Brasil: Tartarugas Podem Voar) [Filme-vídeo]. Produção de GHOBADI, Bahman; GHOBADI, Hamid Karim Batin; GHAVAMI, Hamid; AMINI, Babak. Direção de GHOBADI, Bahman. Irã, França e Iraque, Mij Film Co. Bac Film, 2004, Cinema, 2005.

KIRKLAND, Boyd; WOLF, Michael. **X-MEN: Evolution**. Produção de KIRKLAND, Boyd; WOLF, Michael. Estados Unidos, Marvel Studios Film Roman, 2004. Televisão, Série animada em 52 episódios, 2004, Episódio 40.